

Apresentação dossiê: Infinitos Abris: representações e diálogos do 25 de Abril na Literatura, no Cinema e nas outras artes

Marisa Corrêa Silva* 

Vincenzo Russo** 

O dossiê “Infinitos Abris: representações e diálogos do 25 de Abril na Literatura, no Cinema e nas outras artes”, da revista *Veredas*, homenageia os cinquenta anos da Revolução dos Cravos.

O presente número contempla uma entrevista com Helder Macedo, seis artigos temáticos e mais três na seção livre.

A entrevista, realizada pelos editores deste dossiê, Marisa Corrêa Silva e Vincenzo Russo, traz apontamentos importantes para se pensar a Revolução dos Cravos à luz do testemunho de Helder Macedo que, mesmo não tendo presenciado ao desenrolar dos eventos (golpe de estado militar, manifestação popular nas ruas de Lisboa), nesse dia *inicial, inteiro e limpo* que foi o 25 de Abril de 1974, interpreta a ruptura histórica desse acontecimento dentro de uma visão geopolítica internacional.

Na seção temática, abrimos com a colaboração de Bárbara Chaves Cardoso, com o artigo “Estrangeiros em Mar Português: uma análise de *Maremoto*, de Djaimilia Pereira de Almeida”.

O artigo de Cardoso parte da inserção da obra de Djaimilia Pereira de Almeida na discussão das chamadas “figuras em trânsito”, afrodescendentes e diaspóricas, num lugar de reconhecimento de sua existência e seu papel na sociedade portuguesa. O protagonista Boa Morte passeia não apenas pelos espaços lisboetas mas também pelas referências literárias cristalizadas na expressão “Mar Português”, permitindo um olhar crítico sobre as contas ainda por acertar com o passado colonial.

A seguir, lemos Maria Heloisa Martins Dias, autora de “Reconfigurações alegóricas de uma Revolução”.

Nesse artigo, Dias aborda o romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982), de Teolinda Gersão, e focaliza em especial o episódio “O Senhor do Mar” para analisar a peculiar escrita polifônica de Gersão, cuja transposição alegórica da História em Escritura cria um hiato simbólico no qual se inscreverá a consciência crítica. A um só tempo, o romance celebra, metaforicamente, a Revolução, mas também aponta seus limites e contradições internas.

* Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Letras (PLE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil. *E-mail*: mcsilva5@uem.br

** Professor Doutor de Literatura Portuguesa e Brasileira e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Università degli Studi di Milano (Unimi), Milão, Itália, onde coordena a Cátedra António Lobo Antunes (Instituto Camões). *E-mail*: vincenzo.russo1@unimi.it

A terceira presença é a de Matteo Gigante, “Quando Portugal comemorou o futuro: Herbert Daniel, 1975”.

Gigante retoma os escritos interessantíssimos de Herbert Eustáquio de Carvalho, brasileiro que se refugiou da ditadura brasileira em 1975, indo viver em Portugal até 1976, e publicando sob o nome de Herbert Daniel. Ao retomar as crônicas de Daniel publicadas em 1975 na revista “Modas e Bordados”, Gigante lida com um material testemunhal que acabava por denunciar como a união oposicionista, em nome do foco nas liberdades civis generalizadas, calava as minorias de gênero, raciais, de orientação sexual etc. É apresentado um retrato poderoso do ativismo de Daniel pelos direitos das minorias.

Após, o artigo de Carlos Henrique Fonseca: “Revolução, palavra-mulher: a respeito de alguma poesia de Maria Teresa Horta e Natália Correia”.

Esse artigo, de viés comparatístico, conecta as publicações *Mulheres de Abril* (1977), de Teresa Horta, e as *Cantigas de amigo*, publicadas como inéditos na reunião da poesia de Natália Correia, *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias* (1993) pelo viés da autoria feminina e em relação ao tratamento dado pelas autoras ao 25 de Abril, trazendo o olhar e a vivência femininos para a Revolução dos Cravos.

Segue-se o trabalho de Letícia Costa Feiteira, “Centro, *habitat* e o fascismo do consumo: uma leitura andreseniana de *A caverna*, de José Saramago, à luz da crítica corsária de Pier Paolo Pasolini”.

Nesse artigo, a autora retoma o conceito de *habitat* – o espaço não congregante, oposto ao “reino”, desenvolvido pela poeta Sophia de Mello Breyner Andresen em sua *Arte Poética I* – para reler o famoso romance saramaguiano. A autora assume a postura de Pasolini em sua fase “corsária” – a recusa escandalizada a ceder à sociedade de consumo nos seus primórdios – para efetuar sua análise de *A Caverna*. O texto entretece Sophia, Saramago e Pasolini em sua crítica ao hedonismo comercial denunciado pelo romance.

O dossiê encerra com Kethlyn Sabrina Gomes Pippi e Raquel Trentin Oliveira, autoras de “A história (des)acordada: a ironia em *Os memoráveis*, de Lídia Jorge”.

Nesse artigo, o romance de Lídia Jorge que tematiza a Revolução dos Cravos é abordado com as teorias de Hutcheon sobre a paródia e a ironia, bem como o conceito de pós-memória, de Marianne Hirsch, de modo a acompanhar os processos de memória, de reencontro com o passado e a perspectiva das gerações posteriores em relação ao passado, contextualizando ao leitor a complexa rede de narrativas instauradas nas décadas decorrentes acerca da Revolução, seu significado e suas consequências.

Na seção livre, apresentamos os seguintes textos:

Cláudia Capela Ferreira, com “A sintaxe vegetal na topografia das meninas de Agustina Bessa-Luís: o estar como o ir sendo?”.

Focado em três personagens femininas, Ema (*Vale Abraão*), a inominada menina do incisivo quebrado (“Um inverno Frio”) e Alfreda (*A Alma dos Ricos*), Ferreira propõe recuperar a importância e o papel específico da vegetação como elemento estruturador de significados na obra de Agustina Bessa-Luís. A complexa dualidade interno-externo e o movimento entre esses espaços é mimetizada

pela vida vegetal, cujo impulso exteriorizador é contrabalançado pela imagem de semente, interioridade adormecida. Assim, o elemento vegetal reforça e revela as construções dessas personagens, que parecem, na visão de Cláudia Ferreira, brotar desse mesmo tecido.

O próximo texto é de Raphael Salomão Khéde, intitulado “Mário multifacetado: as cartas inéditas (1927-1934) enviadas para Jorge de Lima”.

Nesse artigo, o autor retoma parte da correspondência enviada por Mário de Andrade a Jorge de Lima, mostrando como essas cartas são um testemunho precioso da amizade e da troca artística e intelectual entre os dois escritores, bem como um registro dos múltiplos temas que interessavam o autor das cartas. A linguagem característica de Mário, bem como algo de seus processos criativos, transparece no material, que oferece *insights* preciosos para o contexto histórico e literário de sua produção.

A edição da *Veredas* fecha com Nuno de Brito e Sousa Teixeira e “*But there are no others: imagens do eu e do mundo em Carlos Drummond de Andrade e Emily Dickinson*”.

O artigo de Nuno de Brito e Sousa Teixeira é de viés comparatístico e centrado nos temas da intensificação da realidade, do estranhamento e da singularização presentes nas obras dos poetas escolhidos como objeto de análise. Observando os elementos dissemelhantes com que Dickinson e Drummond obtinham efeitos similares em sua poesia (eclipse e síntese em Dickinson, dialética entre quebra e continuidade em Drummond, por exemplo), Teixeira aproxima esses autores de contextos tão distintos pelo viés da recusa ao feérico, do foco nos objetos minúsculos, na abordagem do microcosmo que contém ou reflete o macrocosmo.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Marisa Corrêa Silva

Vincenzo Russo